



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

A peregrinação nacional promovida pela Cruzada Nunálvares
aos santuários da Religião e da Pátria

Dias de triunfo e de glória. — Três jornadas incomparáveis.

OURÊM — FÁTIMA — ALJUBARROTA

*Nuno o Santo, Nuno o Heroi, redemiu, numa eternidade de glória,
a alma cristianíssima de Portugal.*

(Palavras dum artigo do distinto professor sr. dr. António Cobeira no número único *Heroi e Santo*, publicado em junho de 1918 por iniciativa da Associação Nunálvares de Santarém, em comemoração do 5.º Congresso da Federação das Agremiações da J. C. P.)

O Condestável Santo — O seu heroísmo na defesa da Pátria — A sua Fé e a sua piedade — A sua devoção à Santíssima Virgem — O seu amor e a sua compaixão pelos pobres.

Os dias 12, 13 e 14 de Agosto foram dias destinados pela ilustre e benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares à comemoração solene da batalha de Aljubarrota e à consagração religiosa e patriótica da épica figura do Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira, cuja admirável figura avulta nas páginas da História de Portugal como símbolo da heróicidade e da Fé. O dia 14 de Agosto é, por uma lei que o Congresso da República unânimemente aprovou, o dia da Festa da Pátria. O governo e o Exército associaram-se, por isso, justamente às homenagens que a Cruzada Nun'Alvares, numa elevada noção de patriotismo, teve a iniciativa de prestar, a exemplo do ano passado, ao seu glorioso Patrono e que revestiram uma grandiosidade e um brilho que excederam toda a expectativa.

A romagem ao célebre Castelo de Ourém, séde do condado de D. Nuno, o «Te-Deum» na Sé Colegiada daquela vila, a visita ao Cruzeiro do Resgate, e peregrinação ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima — a Lourdes Portuguesa, onde, segundo a tradição, o Santo Condestável orou pelo bom êxito da gigantesca empreza que havia de tornar vãs as pretensões de Castela à hegemonia da Península, a missa e o sermão pelo Senhor Bispo de Leiria, na igreja da Batalha; a piedosa homenagem à memória dos soldados desconhecidos junto das suas campas na histórica sala do capítulo, o cortejo religioso-patriótico da Batalha à capela de S. Jorge, as alocações explicativas do significado da Festa da Pátria e da justificada comemoração da gloriosa acção de Aljubarrota, feitas ao toque da alvorada do dia 14, em todos os quartéis da guarnição militar de Lisboa, o bodo aos pobres nas ruínas do antigo Convento do Carmo, o desfile dos contingentes de todos os corpos da guarnição em continência às ossadas do Heroi e Santo no Largo do Carmo com assistência do senhor Presidente da República e do Governo e finalmente a sessão solene nos Paços do Concelho presidida pelo ministro da Instrução pública, sr. dr.

Silva Teles, foram outros tantos números do programa das festas e outros tantos tributos de amor e gratidão que o coração da Pátria prestou à memória sagrada e bemdita daquele que, na frase la-

mo Napoleão Bonaparte, além do génio estratégico, o condão singular de incutir o valor e acender o entusiasmo nas hostes confiadas ao seu comando. Nun'Alvares vivia intensamente dessa Fé, sem a



A VOLTA DA PROCISSÃO

pidar de Oliveira Martins, foi a mais perfeita consubstanciação da alma nacional. E todas estas grandiosas homenagens eram bem merecidas pela figura mais bela e mais gloriosa e simultaneamente mais pura e mais completa da nossa história.

Possuindo a coragem no seu grau mais elevado — o heroísmo, tinha também co-

qual não ha nem pode haver herois e santos; patriota e cristão, guerreiro e monge, confiava em si, na Pátria e em Deus e foi com a força indomável dessa sua Fé que êle conseguiu salvar Portugal. A sua Fé aliava uma piedade acrisolada, e, dum modo especial, a devoção para com o Santíssimo Sacramento e para com a augusta Rainha do Céu. O seu amor à Sa-

grada Eucaristia, que é toda a religião, segundo a expressão do Santo Padre Pio X, levou o Heroi e Santo a dizer: «Quem me desejar ver vencido, separe-me deste sagrado banquete em que o próprio Deus sustenta o homem; só Ele nos dá fortaleza e força para debelar os inimigos».

E a sua devoção para com a Mãe de Deus fez que êle consagrasse ao seu serviço corpo e alma nos últimos anos da sua vida, despojando-se de tudo para se fazer pobre e humilde donato carmelita, servente de frades e irmão de mendigos para quem pedia esmola de porta em porta pelas ruas da capital.

A Cruzada Nacional Nun'Alvares — Romagem ao Castelo de Ourém e alocação do dr. Gomes dos Santos — «Te Deum» na Sé de Ourém e sermão pelo ilustre Prelado de Leiria — Visita ao Cruzeiro do Resgate e alocação pelo rev.º dr. Andrade e Silva

A expedição patriótico-religiosa promovida pela Cruzada Nacional Nun'Alvares partiu da estação do Rossio em carruagens privativas atreladas ao comboio do Norte. Tinha por director espiritual o rev.º dr. Bernardo Cabrita, prior da freguesia dos Mártires, e era superiormente dirigida pelos srs. capitães Afonso de Miranda e Teodósio de Almeida.

A primeira cerimónia oficial da Cruzada passa-se dentro das ruínas venerandas do Castelo roqueiro da velha e gloriosa Ourém.

No largo da Sé Colegiada aguardam a chegada da excursão os rev.ºs Carlos Pereira Gens, pároco de Ourém e dr. Luís de Andrade e Silva, diversas irmandades e o povo da freguesia e das freguesias limítrofes.

Sobre as muralhas da vetusta atalaia extremenha, contemporânea dos mouros e do fundador da nacionalidade, fala à multidão, em palavras eloquentes repassadas do mais puro e são patriotismo, o tenente dr. Gomes dos Santos, que a Cruzada escolheu para seu orador oficial, nesta tríplice romagem religioso-patriótica, acerca da divisa que êle disse ser a do Santo Condestável: «Mais alto e mais além», mais alto, para Deus, e mais além, para um Portugal maior.

Momentos depois, na Sé Colegiada, o

Senhor Bispo de Leiria traça, numa eloquente oração, o perfil do Beato Nuno de Santa Maria, salientando o cristão e o santo, agradece à Cruzada Nun'Alvares esta forte reviviscência do culto religioso e patriótico do grande Condestável, e benze os estandartes de D. João I, Nun'Alvares, Ala dos Namorados e Ordem de Avis.

Por fim, sob a presidência do rev. do dr. Andrade e Silva, é cantado o «Te-Deum» e dada a bênção do Santíssimo Sacramento, após o que todo o povo, que enche, por completo, o vasto templo, desfila em frente do altar-mor para oscular uma relíquia do Santo Condestável.

Ao pôr do sol, os romeiros reúnem-se junto do Cruzeiro que foi erguido na raiz do monte e que marca o lugar onde se acha sepultado um irmão do Santo Condestável. Ali o rev. do dr. Andrade e Silva, num breve discurso, proferido com grande entusiasmo, recorda os sucessos históricos que andam ligados a esse local. Assim se iniciaram solenemente as festas da Pátria, em honra do Herói dos Atoleiros, de Valverde e Aljubarrota.

Procissão das velas e adoração nocturna — Inscrição dos doentes — Procissão, missa e bênção — Sermão pelo Senhor Bispo de Leiria — Procissão de despedida.

Os peregrinos da Cruzada chegam a Fátima precisamente no momento em que começa a procissão das velas, na qual se incorporam. Abre a procissão pelas bandeiras da Cruzada, logo seguidas dos estandartes de várias peregrinações, entre as quais as do Pôrto, Válega, Arada, Mafra, Alcobertas, Azambujeira dos Carros (Roliça) e Ovar, esta última presidida pelo rev. do Nédio de Sousa, distinto professor no seminário Episcopal do Pôrto.

A Cova Sagrada é um vasto mar de luzes. O espectáculo torna-se, de instante a instante, mais imponente. De todos os lados acorrem peregrinos. Contam-se aos milhares. São, na sua grande maioria, gente humilde das oito províncias de Portugal. Súbito ergue-se um côro, entoando com piedade e unção: é o canto do Ave de Fátima, cujo eco se repercute por montes e vales, em louvor da Virgem bendita, refúgio dos pecadores, consoladora dos aflitos, saúde dos enfermos. A meia noite, termina a procissão das velas. No altar do Pavilhão dos doentes o Santíssimo Sacramento é exposto solenemente num trono de luzes e flores. Durante toda a manhã efectuam-se as horas de adoração, que são distribuídas pelas diversas peregrinações presentes. Da meia-noite às duas horas, tempo reservado à adoração nacional, reza-se o terço, fazendo o rev. do dr. Clemente Ramos, professor no Seminário de Évora, a explicação dos mistérios do santo Rosário.

Dada a bênção com o Santíssimo, às cinco horas da madrugada, principiam as missas. Entretanto, na igreja da Penitenciaría, numerosos sacerdotes ouvem os fiéis de confissão. Muitos peregrinos passam a noite em frente da capela nova, não se cansando de rezar e cantar. No Posto das verificações médicas começam a ser observados e inscritos os doentes. Preside a este serviço o ilustre director do Posto, dr. Pereira Gens. A maior parte dos enfermos apresentam doenças graves, tais como baciloses ósseas e pulmonares, tumores cancerosos, dispepsias, doenças nervosas, paralisias, encefalites e úlceras de várias espécies, podendo nós informar que numa das peregrinações há a registar quatro curas ou melhoras acentuadas de que falaremos no próximo número.

Pouco antes do meio dia solar, realiza-se a encantadora procissão em que é conduzida a Imagem da Virgem do Rosário da capela das aparições para a capela das missas. O andor é levado, entre outras pessoas, por três ilustres oficiais do exército membros da Cruzada, os srs. tenente-coronel Freitas Garcia, capitão Afonso de Miranda e tenente Boaventura Militão. Renovam-se, mais uma vez, o entusiasmo, os cânticos e as manifestações tradicionais.

Ao meio-dia solar, o rev. do Manuel de Sousa, reitor do Santuário, celebra a missa dos doentes, com a assistência do Senhor Bispo de Leiria, que no fim dá a bênção com o Santíssimo.

Comove imenso o espectáculo da Fé e resignação dos doentes, vendo-se muitos olhos marejados de lágrimas.

Dada a bênção geral, o venerando Prelado, faz uma breve alocução, exortando os fiéis a consagrarem-se, cada vez com

mais devoção, ao culto da Santíssima Virgem.

A procissão de regresso da Imagem à capela das aparições é outra apoteose à augusta Rainha do Rosário.

Os quatro pendões da Cruzada Nun'Alvares rodeiam o andor que é conduzido pelas senhoras da comissão, D. Beatriz Arnut, presidente, D. Maria Hermínia de Sousa, D. Maria Emília de Lemos Franco e D. Alzira Arnut. À frente seguem as servitas e atrás um numeroso grupo da Juventude Católica Feminina de Leiria, que durante as cerimónias da peregrinação se distinguiu sempre pela sua compostura e piedade.

Com o adeus à Virgem estava concluída a segunda parte do programa da benemérita Cruzada Nacional Nun'Alvares — a romagem à Fátima em honra da augusta Padroeira da Nação e do Beato Nuno de Santa Maria.

Missa na Batalha em honra do Beato Nuno — Sermão pelo Senhor Bispo de Leiria — Visita ao túmulo dos soldados desconhecidos e alocução pelo sr. dr. Gomes dos Santos — Cortejo religioso-patriótico à capela de S. Jorge — Alocuções dos srs. Silva e Costa e rev.º Miguel de Oliveira.

Na tarde do dia 13 retiraram de Fátima quasi todas as peregrinações. No local sagrado ficaram apenas os romeiros da Cruzada Nun'Alvares e alguns grupos de peregrinos, entre os quais o da Murtosa e o de Albergaria-a-Velha. A noite, à hora do costume, realizou-se uma pequena mas linda procissão de velas, que terminou com a recitação do terço do Rosário junto do padrão comemorativo das aparições. No dia 14 de manhã, todos os peregrinos se dirigiram para o mosteiro da Batalha, afim de assistirem às comemorações do feito épico de Aljubarrota. Era a terceira e última jornada patriótica da Cruzada Nun'Alvares e, como as duas primeiras, decorreu com um brilho e um entusiasmo indescritíveis.

As 9 horas e meia o rev. do prior da Batalha, dr. Joaquim Coelho Pereira, rezou a santa Missa no altar-mor do maravilhoso templo, com a assistência do Senhor Bispo de Leiria, que no fim proferiu uma bela e eloquente alocução sobre a figura admirável do Santo Condestável, descrevendo a largos traços a famosa batalha de Aljubarrota.

Depois reuniram-se todos na Sala do Capítulo, onde jazem, alumiados pela chama votiva e perpétua da Pátria, os soldados desconhecidos de Portugal, cuja campa estava juncada de flores. Aí o tenente sr. dr. Gomes dos Santos falou novamente, com a emoção e o entusiasmo de sempre, numa linguagem bem própria dum nobre e generoso pioneiro do Resurgimento Nacional, em que anda empenhada a geração do resgate, os novos de Portugal.

Quando terminou o seu primoroso discurso, o venerando Prelado de Leiria e o clero presente recitaram um «memento» pelas almas dos soldados mortos em defesa da Pátria.

Realizou-se em seguida o cortejo religioso-patriótico à capela de S. Jorge. Foi ali, a cerca de dois quilómetros do mosteiro da Batalha, que esteve hasteado o estandarte do Mestre de Avis no dia glorioso de Aljubarrota. No pequenino adro falaram à multidão o sr. Silva e Costa, enviado especial do jornal «O Século» e o rev. do Miguel de Oliveira, enviado especial das «Novidades».

Por fim o Senhor Bispo de Leiria agradeceu a comparência de todos, pondo em destaque a patriótica iniciativa da Cruzada Nun'Alvares, que poderosamente está contribuindo para o culto da Pátria e dos lugares sagrados.

E, concluída assim a terceira jornada da Cruzada, regressaram os romeiros a Lisboa, depois duma rápida visita à igreja e ao mosteiro de Alcobaca, levando nas suas almas as mais gratas impressões e vivas e fundas saudades dos dias involvidáveis passados a glorificar o heroico salvador da nacionalidade e a augusta Padroeira de Portugal na terra, onde ela se dignou estabelecer o trono do seu amor, o teatro das suas misericórdias, o manancial copioso e inexaurível das suas graças, dos seus prodígios e das suas maravilhas.

Visconde de Montelo

Para longe de ti a tristesa porque ela faz muitas vítimas e para coisa alguma é útil.
Ecl. XXX, 24-25.

AS CURAS DE FATIMA

Franco José Tomaz, de Lagêdo (Ilha das Flores) em carta de 28 de Junho deste ano diz:

«Ex.º Sr. — Venho pedir-lhe o favor de tornar conhecido dos leitores da *Voz de Fátima*, o que se segue:

Quando em 31 de março pp. eu vinha de bordo do paquete *S. Miguel*, da E. I. de N. que estava ancorado no porto das Lages das Flores, veio-nos esperar minha mulher, e uma cunhada, e eu fiquei muito surpreendido, porque morávamos a tres leguas de distância. Mas maior foi o espanto, quando me dizem que a nossa mãe estava muito doente, com uma dor no lado direito, ao pé da hernia, (porque minha sogra tem uma hernia) e é preciso ir ao concelho de S. Cruz chamar um medico, (na Vila das Sages não havia medico).

Eu volto de novo a bordo a falar com o medico de bordo, Ex.º Sr. Perry da Camara, com quem muito bem me dou. Sua Ex.ª cedeu-me umas injeções, e logo que cheguei a casa administrei-lhe uma que junto com umas cataplasmas, algum tanto a aliviaram mas muito pouco.

Quando em 3 de abril o mal muito se agravou, vou a cinco leguas de distância, chamar o unico medico que cá havia o sr. Jaime Osorio, que depois de examinar a doente, detidamente, me diz que o caso da minha sogra é muito complicado.

Trata-se de uma apendicite, junto á hernia; tem os pulmões muito estragados, o coração esta-lhe a falhar e desconfiou muito do que se possa dar dentro de umas 24 a 48.h Receitou umas gotas para os vomitos e umas empoles para eu injetar, e disse-me que desse modo, que levasse todos os sacramentos. E eu disse á minha sogra: olhe ha-de confessar-se e comungar em louvor de nossa Senhora do Rosário da Fátima para ficar boa.

Logo no dia 4 se confessou, e minha filha Maria foi ás Lages, buscar água de Fátima. Assim que a provou, a hernia deixou de teimar em sair mais, mas a sêda era de morte, e o medico tinha-a posto a dieta de leite e muito pouco, e como o mal se agravava cada vez mais, recebeu todos os sacramentos, que ella própria pediu no dia 7, mas sempre usando a água de Fátima, até junto com as gotas para os vomitos.



MARIA RODRIGUES DE FREITAS

No dia 13, porém, cerca das 9 horas diz que, ou sonhou ou por delírio, ou via realmente (o que é mais provavel) uma menina com cerca de ano e meio a dois anos, mais bela que o sol e as estrelas, e que lhe deu agua a beber com que saçiou toda a sua sede.

Foi sonho? Foi delírio? Viu-a?

O certo é que desse instante em deante nunca mais teve sêde e melhorou (posto que não por completo) mas trabalha no serviço da casa. No dia 13 de maio veio cerca de tres quilometros a pé, para vir junto com a familia, confessar-se e comungar em honra de N. Senhora e pelas almas do Purgatorio.

O nome da miraculada é Maria Rodrigues de Freitas, 58 anos de idade, e junto vai o seu retrato.

Eu não sou assinante, mas pago a assinatura de minha filha Maria de Jesus Tomás.»

Reconheço e abono a assinatura retro, como paroco da freguesia e testemunha dos factos descritos nesta carta.

Lagêdo das Flores, 29 de Junho de 1929

P.e José Furtado Matos

Uma nascida

Gerarda Pereira, da Vila de Chã de Ourique:

«Ex.º Sr. Dr. Manuel Marques dos Santos

Venho por este meio muito respeitosamente pedir a V. Ex.ª se digne tornar publico no jornal que muito dignamente dirige, «Voz da Fátima», a seguinte graça de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.



MARIA NOGUEIRA (13 MESES)

Minha neta Maria Nogueira de 11 meses de idade, apareceu-lhe debaixo da lingua uma nascida.

Consultei dois medicos e ambos me diziam que tinha de ir a Lisboa a um especialista para fazer uma operação.

Depois desta resposta vim para minha casa, implorei a protecção de nossa Senhora do Rosário de Fátima e pedi-lhe para que minha netinha não precisasse de ser operada.

Com muita crença comecei a lavar a boca da minha netinha com agua de Nossa Senhora, que ao fim de quatro dias estava completamente curada graças á Virgem Nossa Senhora de Fátima.

Prometi comprar uma mortalha para minha neta e oferecê-la a Nossa Senhora indo nessa ocasião a Fátima visitar a Virgem Santíssima Nossa Senhora com a minha netinha e com a fotografia tornar publico na «Voz de Fátima» este tão grande favor.

Muito reconhecida agradeço a V. Ex.ª a publicação deste milagre acompanhado da fotografia da minha netinha.»

UMA PENITENCIA SALUTAR

Um dia apresentou-se a Pio IX um homem cujo aspecto e maneiras distintas, indicavam que estava ali uma pessoa educada e nobre. Prostrando-se aos pés do Pontífice, com voz trémula pela comoção que lhe ia na alma, disse:

«Santo Padre, eu desejava confessar-me a Vossa Santidade.»

Pio IX não pouco maravilhado pela estranheza do pedido, acedeu ás súplicas que esse homem lhe fazia de joelhos. E ali num recanto da sala, o sucessor de Pedro, em quem Jesus delegara o poder de

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	168.369\$20
Papel, composição e impressão do n.º 83 (57.530 exemplares)	3.168\$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	552\$70
	172.089\$90

Subscrição

(Maio de 1928)

Enviaram dez escudos para terem o direito de receber o jornal durante um ano: Maria Izabel Henriques, Laura dos Santos Sousa, Margarida Guedes de Sousa Santos, João Nunes Pedro, Elmina da Cruz Côrte (de jornais, 7\$50), Ana Costa Braga, Josefina ..., Manuel Duarte, António Ribeiro da Silva, Ana Rosa Monteiro Baptista, Encarnação Mousinho, Hermano Lourenço, Maria Celestina, Maria Madalena da Silva, Gertrudes Cordeiro (20\$00), Margarida Maria, C. da Conceição e Silva, P.e Firmino Salgado Leal, Maria Emília Teixeira Bernaud (20\$00), Manuel Lopes Dias (15\$00), Miguel Baía Coelho, I. Xavier Fernandes (15\$00), Berta Delgado (20\$00), P.e João de Oliveira e Sousa, Domingos Martins (20\$00), Emília dos Santos, Dr. António da Costa Ferreira, Margarida Adelaide Alves, José Maria de Amorim (20\$00), Maria da Conceição Cabral (12\$00), António Prates Ribeiro Teles (20\$00), Ermelinda Zacarias, Maria Rosa da Cruz Lima, Augusta Mourão, Maria Jacinta Vicente, Maria Domingues Martins, Bárbara Carrilho, Madame Oliveira Monteiro, Laura de Campos Ferreira, Maria Cardoso, Carmen Pereira Costa, Ivone Serra e Moura, Manuela Nunes Sequeira, Maria Augusta N. Peixoto, Rita Marques da Cruz, Elvira Ferreira de Sousa, Maria José Castro, Maria Angélica Tavares, Zacarias Gonçalves, Isilda dos Santos Sousa, Maria da Encarnação Vaz Velho, Maria Amélia Albergaria Nunes (20\$00), Maria do Céu Paiva (20\$00), E. Marques Vieira, Idumeia J. Duarte, Luís Candido Curto, Delfina Pinto Osório (11\$00), Isabel Dias Sarreira, Isidro Marques Baptista, Deolinda dos Reis, Rita de Jesus Barbosa e Sá (12\$00), Maria de Jesus Fragoso (20\$00), Rosalina da Silva Canhola, Guilhermina Amélia Alvares Fortuna, Adelaide Ribeiro Taveira e Costa (15\$00), Manuel Marques Pereira, Maria das Mercês de Bianchi Coelho Borges (15\$00), Joaquim Felizardo (25\$00), Manuel Piedade (5\$00), Dr. António Menano, Maria João Rosado Cabral, Maria Rodrigues da Novoa, Maria da Conceição Mendes Godinho, Emília Augusta de Camões Costa (20\$00), Maria José Baltazar Ferreira, P.e José da Silva Lola, Maria do Amparo Ferreira de Távora (20\$00), Margarida Pinto Ferreira Leite Soares de Albergaria, Emília de Jesus Bessa, Abraão Francisco Faria Abranches (20\$00), Maria da Conceição Pinto, Felipe Dias Ferreira (20\$00), Berta da Silveira, Mariana de Almeida Pinto (12\$00), Maria Angela da Cunha Rangel, Maria da Natividade Crespo, Francisco F. Brandão, Maria José Godinho (20\$00), Dionísia da Conceição Ramiro (15\$00), Felipe António Beliz, Cristina de Matos Franco, Maria da Nazaré Ferreira, Amélia Soares Rodrigues, Maria Helena Guimarães, Maria da Natividade da Costa Alves Pereira de Assis Teixeira, Cecília de Castro Pereira, Pompeu Vidal Portela, Felicidade da Conceição Sousa, José de Oliveira David, P.e Roberto Maciel, Manuel Correia, Francisco Julio Correia, Hortense Cardoso, Olinda Correia Teixeira de Vasconcelos Portocarrero, João de Araujo Mourão (20\$00), Assinante n.º 3078 (15\$00), Assinante n.º 3318 (15\$00), Maria do Carmo Martins Morgado (30\$00), Raul Pereira Duarte, Joaquim Costa Vicente, Manuel Pereira dos Reis, Visconde de Banho, Maria Isabel Ferreira Pires (15\$00), Alexandre Coelho da Costa, Maria Garcia Gomes dos Santos.

De jornais e donativos vários: P.e Agostinho Martinho Vieira, 100\$00; Maria José e Silva (graças obtidas e jornais), (90\$00); Recolhimento de Meninas Desamparadas, 14\$00; Alberto Julio Monat, 79\$00; António Vieira Leite, 70\$00; Josefa de Jesus, 16\$50; Maria Carolina Caetana 196\$00; Pároco de Anta 100\$00; Maria do Patrocínio Manso, 60\$00; P.e

perdoar pecados, ouviu a história daquele homem que, se era grande na nobreza, o era também na iniquidade.

Após conselhos paternais e salutaros, o Papa impôs ao seu estranho penitente a respectiva penitência sacramental. Aqui, porém, surgiram grandes dificuldades. Aquele nobre senhor, que confessara os pecados da sua vida desregrada entre lágrimas de sincera contrição, recusava-se a aceitar as várias penitências que o Papa lhe dava.

Para jejuar não tinha forças. Para a oração ou leitura não tinha tempo. Desconhecia os instrumentos com que podia castigar as suas carnes e nem sequer lhe conhecia os usos. Para fazer um retiro ou empreender uma peregrinação seria necessário abandonar os seus negócios e isto não o podia ele fazer. Entregar-se a penitências, dormir sobre a terra nua... não tinha saúde que lho permitisse e depois... era um homem nobre.

Que fazer? Depois de alguns momentos de concentrada reflexão, o Santo Padre levantou-se, abriu a gaveta da sua secretária e tirou de lá um anel que pôs no dedo do penitente. Na pedra do anel, porém, estava gravada uma caveira tendo em volta as seguintes palavras: *lembra-te que has de morrer.*

— Por penitência, lhe disse o Pontífice, trará sempre este anel e lerá, ao menos duas vezes por dia, o que nele está escrito. Ficou satisfeito o penitente pois muito desejava obter um objecto que lhe recordasse Pio IX e a penitência parecia-lhe suave. Mas a ela seguiram-se todas as outras.

O pensamento da morte penetrou-lhe o espírito e, se toda a sua vida foi uma prova de que era pesado o anel do Papa, a sua morte edificante provou quanto fóra salutar a penitência.

O FIM DO MUNDO

Durante o século XII no pontificado de Celestino II, começaram a ter curso umas pretendidas profecias relativas aos Papas que governariam a Santa Igreja até ao fim do mundo. São atribuídas a S. Malaquias, arcebispo de Armagh, na Irlanda, falecido em 1148.

Publicamo-las apenas a título de curiosidade, pois se é certo que muitas delas se adaptaram àqueles que se sentaram na Cadeira de S. Pedro, outras, ao contrário, só com grande esforço.

Há por outro lado a considerar aquela passagem do Evangelho em que aos Apóstolos que queriam saber o fim do mundo Nosso Senhor respondeu que o conhecimento destas coisas só ao Pai pertencia.

Segundo a dita profecia, ao actual Pontífice corresponderia o título de *fides intrepida* (fé intrépida) assim como a Bento XV o *religio depopulata* (religião despovoada, talvez como alusão aos morticínios da grande guerra).

Pio X teria sido *ignis ardens* (fogo ardente). E na verdade...

Leão XIII, *lumen in celo* (luz do céu), Pio IX, *cruza de cruce* (cruz da Cruz).

Até ao fim do mundo haveria ainda mais sete Pontífices, isto é:

- 1.º *Pastor Angelicus* (Pastor Angelico).
- 2.º *Pastor et nauta* (Pastor e marinheiro).
- 3.º *Flos florum* (a flôr das flôres).
- 4.º *De medietate Lunæ* (Da metade da Lua).
- 5.º *De labore solis* (Do trabalho do Sol).
- 6.º *Gloria olivæ* (A glória da Oliveira).
- 7.º «Na última perseguição da Santa Igreja reinará um segundo Pedro, que apascentará o seu rebanho no meio das tribulações, findas as quais será destruída a cidade das sete colinas (Roma) e o tremendo Juiz virá vingar o seu povo».

Afinal, o que mais nos deve preocupar não é o fim do mundo mas o do *nosso* mundo que a morte, inopinadamente pode destruir.

E' para este acontecimento que devemos estar sempre prevenidos.

Para que saibam

Aqui vai uma história autentica, e não inventada.

«Ha pouco, encontrando-me com um grupo de rapazes alegres, meu amigos, perguntei-lhes:

- Donde veem vocês?
- Do baile.
- Do baile? E porque foram dançar?
- Ora essa! Para conhecer as raparigas com quem não devemos casar!»

Um livro admirável

«Há um livro pequenino (diz o filósofo Jouffroy) que se ensina às crianças e sobre o qual elas são interrogadas na igreja. Lêde esse livrinho: é o catecismo. Nele encontrareis solução para todas as questões que eu propuz, para todas sem excepção.

Perguntai ao cristão donde vem a espécie humana e ele saberá responder-vos; para onde vai, e ele saberá responder-vos; como vai, e ele saberá responder-vos.

Perguntai a essa pobre criança que não sabe que fazer da sua vida, porque anda ela neste mundo e no que virá a ser depois

da morte, e ela vos dará uma resposta sublime.

Origem do mundo, origem do homem, destino do homem, nesta e na outra vida relações do homem com Deus, deveres do homem para com os seus semelhantes, direitos do homem sobre a criação, nada disso ela ignora.

Quando fôr grande não hesitará sobre o direito natural, sobre o direito político, sobre o direito das gentes. Tudo isso deriva naturalmente, como por si mesmo, do catecismo. Eis o que eu chamo uma grande Religião. Reconheço-a por este sinal e é que não deixa sem resposta nenhuma das questões que interessam à humanidade...»

Avè da Fátima

A treze de Maio,
na Cova da Iria,
apar'ceu, brilhando,
a Virgem Maria.

Côro

Avè, Avè, Avè, Maria
Avè, Avè, Avè, Maria

A Virgem Maria,
cercada de luz,
nossa Mãe bemdita
e Mãe de Jesus.

Nas dores da guerra
o mundo sofria;
Portugal ferido
sangrava e gemia.

Foi aos pastorinhos
que a Virgem falou.
Desde então nas almas
nova luz brilhou!

Com doces palavras
mandou-nos rezar
a Virgem Maria
para nos salvar.

Achou logo a Patria
remédio a seu mal.
E a Virgem bemdita
salvou Portugal!

Mas jamais esqueçam
nossos corações
que nos fez a Virgem
determinações.

Falou contra o luxo,
contra o impudor
de imodestas modas
de uso pecador.

Disse que a pureza
agrada a Jesus,
disse que a luxuria
ao fogo conduz.

Agosto, 1929

Um servita

UMA BOA LIÇÃO

Foi num esplêndido barco que vinha da América para a Europa.

Entre os passageiros vinha um missionário e grande numero de senhoras em cujo vestir, como frequentemente acontece, não predominava a modestia e decência que era para desejar.

Uma tarde, encontrando-se os passageiros reunidos á hora da merenda, uma daquelas senhoras ofereceu uma maçã ao missionário:

— Muito obrigado, minha senhora, respondeu este. Não quero que se prive dela por minha causa.

— Aceite, padre, insistiu a senhora, aceite que lhe fará bem.

— Minha senhora, coma-a V. Ex.ª, que lhe fará ainda melhor que a mim.

— A mim? Porquê? (lhe perguntou a dama).

— Pois... não diz a Sagrada Escritura que, quando Eva comeu a maçã, se lhe abriram os olhos e... se envergonhou de se ver nua?

A senhora còrou como uma papoila, nada dizendo, mas no dia seguinte tinha substituído o seu vestido mais em harmonia com o recato que a mulher se deve a si mesma.

Lição dura, mas oportuna e necessaria.

Virgínio Lopes Tavares, 134\$00; Irmã Francisca Romana, 41\$85; Idalina Rodrigues Pousada, 28\$00; Virgínia Lopes, 45\$00; duas assinaturas de Gôa, 78\$00; donativo de Maria Costa, 40\$00; promessa de Maria Maximina Osório, 50\$00; promessas, etc. de Maria Amelia Vieira de Carvalho Vieira, 35\$00; António Augusto Novais, 30\$00; da igreja de S. Mamede, pela E.xma Sr.ª D. N. R., no mês de junho de 1929, 8\$00.

Nova capela a N.ª S.ª de Fátima em S. Pedro de Muel

A 12 de agosto celebrou-se a primeira Missa na capela dedicada à Senhora da Fátima na linda vivenda da praia de S. Pedro de Muel do apreciado escritor e poeta Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira e oferecida a sua carinhosa e desvelada Esposa cuja acção de apostolado cristão se desenvolve quer em Lisboa quer naquella praia com muito proveito para os pobresinhos.

Foi celebrante o eminente professor da Universidade de Lisboa Sr. Doutor José Maria Rodrigues, tendo assistido o Senhor Bispo de Leiria que, no fim, fez uma alocução e deu a Bênção Episcopal.

A capelinha no estilo simples das antigas ermidas portuguesas, está sobre o mar para cuja amplidão se abre a rosácea do altar de modo que a branca imagem de Nossa Senhora se emoldure no próprio azul do Céu.

Numa das paredes da Capela lê-se num azulejo a admirável estância de Camões:

A Lei tenho d'Aquella a cujo império Obedece o visível e o invisível, Aquelle que criou todo o hemisfério, Tudo o que sente, e todo o insensível, Que padeceu desonra e vitupério, Sofrendo morte injusta e insuflível; E que do Ceo à terra emfim desceu, Por subir os mortais da terra ao Ceo.

(Lusiadas, Cant. I, est. 65)

O Snr. Bispo concedeu 50 dias de indulgência a quem resasse uma *Avé Maria* diante da imagem de Nossa Senhora.

Noutro lugar publicamos o cântico com letra do ilustre poeta Sr. Dr. A. Lopes Vieira e música do notável maestro e professor Sr. Francisco de Lacerda, composto para a mesma capela.

A festa foi coroada pelo baptismo de seis crianças e tres casamentos de pessoas da localidade que até então não constituíam famílias cristãs e quizeram espontaneamente receber o S. Sacramento do Matrimónio nesta Capelinha de Nossa Senhora de Fátima.

A FÉ DE MARGARIDA

Pressuroso e ofegante, chegou Gabriel a casa naquella tarde serena e recolhida de Quinta-feira Santa.

No quarto do filhinho doente lá estava vigilante e sobressaltada, a mulher admirável que o Céu lhe dera por anjo tute-lar do seu lar querido.

— Os medicos terminaram já a conferencia? perguntou Gabriel em voz tremula e ansiada.

— Sim. Saíram já.

— E o que disseram? O que decidiram?

— O nosso Joãozinho morre se um milagre o não salvar — responde Margarida em soluços aflitivos.

— Mas então — grita Gabriel — para que serve a sciência a esses homens?... E falam em milagre... Um milagre! Mesmo que Deus existisse, não teria tempo para pensar em nós...

Em face desta attitude sarcasticamente blasfema, Margarida ergue-se nobremente e, olhando com dignidade o marido, exclama com energia:

— Gabriel! Proíbo-te que prossigas! Proíbo-te expressamente...

E Gabriel, que nunca vira sua mulher tão decidida e dominadora, não tem coragem para replicar. Gelaram-se-lhe os labios, paralisou-se-lhe a lingua...

— Sim proíbo-te que blasfemes — continua Margarida com santa nobresa. Renegaste a Deus, insultaste-O, tens feito por toda a parte e por todas as formas a mais indigna e funesta propaganda, tornaste-te um sectario feroz; e eu... eu tudo tenho sofrido em silencio.

Silencio miseravel — ai de mim — que Deus agora castiga inexoravelmente.

Neste momento de angustia suprema em que o nosso filhinho vai deixar-nos, eu ordeno-te que não blasfemes!...

Estas palavras, severas e violentas, foram cair no coração de Gabriel como uma punhalada.

— Margarida! Sabes o que dizes?

Para que o nosso filhinho vivesse eu seria capaz de tudo!

— Mentas Gabriel! Tu és incapaz de te dirigir humildemente a Deus a implorar da sua misericórdia a vida deste anjinho querido! E's incapaz!...

— Enganas-te, Margarida. De tudo sou capaz. Irei ter com Deus e pedir-lhe-ei que venha até mim ou que permita que eu chegue até Ele! Quero ter fé porque, fóra de Deus nada vejo que possa dar-me uma esperanza...

E sem esperar qualquer resposta, Gabriel saiu apressadamente...

Gabriel seguiu comovidamente a multidão que acorria á catedral. Ia sair a procissão; e os fieis, com cirios e estandartes, organisavam-se á porta do majestoso templo.

Gabriel, porém, abre caminho resolutamente e dirige-se á capela-mór.

— Uma opa — pediu êle com decisão. Dêem-me uma opa, que eu desejo e quero levar o andor de Jesus Crucificado...

Surpresa e espanto de todos os que o conheciam.

— O que? O senhor? perguntam de todos lados.

— Sim, eu — responde Gabriel com profunda emoção.

Cedem-lhe uma opa; veste-a com desembaraço e, dirigindo-se ao andor da Vittima adoravel, mete os ombros aos varaes.

Começa o desfile da procissão pelas ruas principais da cidade, e á medida que avança, acentua-se o assombro da multidão ao ver convertido em penitente o incredulo de ontem.

Entretanto, do coração amargurado de Gabriel ergue-se esta supplica:

— Aqui me tens, Senhor! Neguei-te insultei-te, provoqueei-te, mas agora arrependido e sequioso de amparo, ergo-te sobre os meus ombros. Diante de todos blasfemei; diante de todos me humilho para glorificar-te. Amanhã os meus amigos e admiradores abandonar-me-hão, desprezar-me-hão, insultar-me-hão... Não me importa! Seja inteiramente esmagado o meu indomável orgulho; mas... ó senhor! Dá-me a vida do meu filho que está agonizando. Salva-o, Senhor!

Tu és bom e misericordioso; sei que és o Supremo refúgio de todos os corações que na terra não encontram lenitivo, Senhor! Salva o meu filho, que em troca dou-te a vida inteira!

Pareceu então a Gabriel que o rosto de Jesus se inclinava para êle, que os olhos divinos poisavam nele toda a sua ternura infinita e que uma voz suavissima lhe dizia:

— «Vens a mim com a tua oração ardente porque a dor te atormenta. Foste muito ingrato, voltando contra mim as apreciáveis facultades com que te enriqueci. Ofendeste-me muito... Mas como eu não quero a morte do peccador, mas sim que êle viva e se salve, aqui me tens a escutar-te. Gabriel, o teu filho viverá!...»

Nada mais ouviu Gabriel. Alheado de tudo quanto o rodeava, o seu espirito e seu coração absorviam-se inteiramente no Mestre Divino que tão misericordioso se mostrava para com a sua grande miséria.

Nem soube como chegou ao fim da procissão, nem como chegou depois a casa...

E quando Margarida, cheia de angustia, lhe grita que o filhinho estava a morrer, Gabriel clama com energia:

— Não, filha! Joãozinho não morrerá! Foi Jesus que mo disse...

E foi tão vibrante este grito que Margarida, aterrada, pensou que com a dor da morte entrava no seu lar também a dor da loucura...

No dia seguinte as melhoras do Joãozinho eram já tão sensíveis que os medicos, surpreendidos, o declaravam livre de perigo.

Ao mesmo tempo, sobre a secretária de Gabriel caíam cartas sem conto a pedir-lhe explicações pela sua estranha attitude da véspera e a insultá-lo, perguntando-lhe qual fóra o preço da traição...

Afastou-as desdenhosamente e sem a mais ligeira preocupação. Enchia-lhe a alma uma fé que já nada poderia perturbar.

E voltando ao quarto do seu doentinho, que lhe sorri com inefável felicidade, ajoelha com Margarida resando fervorosa e sentidamente...

Os sinos repicavam alegremente o *aleluia* bendito; e ao grito triunfal das linguas de bronze Gabriel e Margarida juntavam a sua voz agradecida, entoando um *aleluia* jubiloso ao Mestre Divino que tão generosamente o salvara...

E dias depois, Gabriel e Margarida recebiam juntos na majestosa Catedral, e num recolhimento emocionante, o Pão dos Anjos, que é o amparo dos fracos, o conforto dos que sofrem, a vida das almas que teem sede de felicidade...

De A Voz da Fé.

UM HEROI

Um rapazinho de doze anos acabava de entrar, como grumete, a bordo dum navio que saía de Liverpool. Apenas no mar, alguns marinheiros ofereceram-lhe um copo de aguardente.

Preferiria não beber.

— Desculpem-me, respondeu a criança.

Puseram-se a rir, mas não conseguiram resolvê-lo. O capitão ouvindo falar do caso disse ao pequeno grumete:

— Se queres ser um verdadeiro marinheiro, tens de aprender a beber aguardente.

— Perdão, capitão, prefiro não o fazer.

O capitão não estava acostumado a ouvir os seus grumetes discutir as suas ordens.

— Toma lá esta corda, gritou para um marinheiro, e que se vá acostumando a ela; vamos a ver se se decide.

O marinheiro tomou a corda e bateu cruelmente com ela na criança.

Então agora bebes ou não bebes?

— Se me dá licença, prefiro não o fazer.

— Nesse caso sobe ao cimo do mastro grande e aí passarás a noite.

O pobre menino levantou os olhos para o mastro, tremendo ao pensamento de ter de passar aí a noite agarrado às cordas; mas era necessário obedecer.

No dia seguinte de manhã, o capitão passeando na ponte lembrou-se do pequeno grumete.

— Eh lá! gritou êle.

— Nenhuma resposta.

— Desce, ouves-me?

— Sempre nada.

No fim um marinheiro subiu pelas cordas encontrou a criança meio gelada.

Com receio de cair ao mar quando o navio balouçasse, o grumete tinha rodeado o mastro com ambos os braços e os apertara tão fortemente que o marinheiro teve dificuldade em os tirar.

Desceu-o para a ponte e aí friccionaram-no até êle vir a si. Quando estava em estado de se sentar, o capitão encheu para êle um copo de cognac:

— Agora, vais beber isto, meu rapaz.

— Se me dá licença, capitão, prefiro não o fazer. Deixai-me dizer-vos porquê e não vos zangareis comigo.

Nós éramos felizes na nossa casa, antigamente, mas o nosso pai deu em beber. Não nos dava dinheiro para comprar pão e um dia teve-se de vender a nossa casa e tudo quanto ela continha. Imaginaí como isto fazia estalar o coração da minha pobre mãe.

Foi indo por algum tempo e depois morreu.

Poucas horas antes de acabar chamou-me ao pé da sua cama e disse-me: «João, tu sabes o que a bebida fez de teu pai. Queria eu agora que tu prometesses à tua moribunda mãe que nunca beberias bebidas alcoólicas. Queria saber que tu estavas ao abrigo dessa coisa maldita que causou a ruína de teu pai.»

«Oh! senhor! continuou o pequeno grumete, quereríeis ver-me faltar à promessa a minha mãe à hora da morte? Não posso nem quero fazê-lo.»

Estas palavras tocaram o coração do capitão. Subiram-lhe as lágrimas aos olhos e, inclinando-se, tomou a criança nos braços exclamando:

«— Não, não, meu valente! Cumpre a tua promessa, e se alguém quiser ainda fazer-te beber, vem dizer-mo! Eu te protegerei.»

E para te compensar do castigo que te fiz sofrer, aqui está uma nota de que tu disporás à tua vontade.»

E, dizendo isto, o capitão abriu a sua bolsa e entregou ao jovem herói uma nota do banco inglês do valor de 125 francos.

A PREGUIÇA...

O rei dos vícios, a *soberba*, convidou um dia os outros vícios para lhe contarem que efeito produziam nos corações humanos.

A *avareza* contou: Eu fiz os criados ladrões; os amos injustos; eu fiz os advogados e juizes venais, os amigos infieis; louvei o roubo e desprezei o bem e a virtude. Inúmeras são as viuvas que choram, porque não tem quem as proteja e caíram na miséria.

A *impureza*: Eu perverti a infância e a mocidade; lancei no sepulcro imundo os que se entregaram a mim; só uma força sobrenatural de Deus pode salvar os meus súbditos.

A *ira*: Por causa de mim, um homem mata o outro, têm inimizades sem fim. Eu espalho a discórdia e desarmonia entre os amigos, os esposos, os irmãos, entre os bons. Sem mim não havia perseguições nem vinganças, nem altercações.

A *gula*: Eu faço que se gaste muito e esbanje até o necessário; tenho nas cozinhas meus criados, que preparam tudo para os gulosos; eu faço que os pobres se embriaguem com aguardente e os ricos com vinhos finos.

A *inveja*: Eu encho os corações humanos com o meu veneno, de modo que um não queira ver a outrem; causo murmurações, calúnias; a mim segue o pobre que inveja o rico, o rico que inveja os outros mais opulentes, faço o desprezado suicidar-se, o ignorante odiar o sábio.

Por último apresentou-se a *preguiça* ou *ociosidade* e disse: Se eu não preparasse o terreno e plantasse as raízes dos vícios, a avareza não fazia tantos males, a impureza não achara tantas vítimas, a ira não enganara a tantos, a gula não produzira tantas desordens e a inveja só difficilmente se aninharia nos corações. A minha arte é para todos os vícios a entrada — a porta.

A *preguiça* é o principio de todos os vícios.

COMO JESUS SE DA' A TODOS

Um dia um velho mussulmano de Scutari (Albania) encontrou uma criança cristã e perguntou-lhe com um sorriso malicioso:

— Como és tu capaz de acreditar que Jesus se dá a tantos cristãos ao mesmo tempo?

O pequeno não achou logo a resposta pois era a primeira vez que a dúvida tocava a limpidez da sua fé. De repente, porém, levantando altivamente a cabeça perguntou ao mussulmano:

— Quantas janelas ha nesta cidade?

— Eu sei lá! Julgas que não tenho mais que fazer que conta-las?

— E no Céu quantos sóis ha?

— Ha um, respondeu secamente o velho.

— Ah! sim, respondeu triunfante o pequeno, se o sol entra em tantas janelas, o meu Jesus não poderá entrar em todas as almas?

Boa resposta

Duas crianças vinham da catequese:

— Tem graça (diz uma), o snr. padre disse-nos que Deus está em toda a parte e eu não o vejo em parte nenhuma!

— E quando tu deitas um torrão de assucar num copo de agua e o assucar se derrete, ainda o vês? (replicou a outra criança).

— Não.

— Mas o assucar está lá.

— Lá isso é verdade.

— E como é que tu sabes que ele está lá?

— Porque quando bebo sinto que a agua está assucarada.

— Pois bem; Deus, dum modo parecido, está em toda a parte do mundo e mostra a sua presença pelos seus actos, mas ninguém o vê.